ESTAÇÃO DIVERSIDADE Nº 6

Uma publicação do Sindicato dos Metroviários e Metroviárias de SP

JUNHO E JULHO/2025

/MetroviariosSP /Metroviarios_SP www.metroviarios.org.br

Parada LGBT+ com o tema:

Envelhecer LGBT+: Memória, Resistência e Futuro

O tempo passa, mas nem sempre permite permanência. Quando viver é exceção, o futuro exige mais do que sobrevivência: pede escuta, recomeço e alianças reais. É preciso romper silêncios antigos, desafiar estruturas que escolhem quem pode ficar e reinventar os sentidos de pertencimento, cuidado e continuidade.

Imagem: Freepik



Foto: arquivo/Sindicato

É exaustivo repetir que a expectativa de vida de uma pessoa trans no Brasil é de apenas 35 anos — mas é necessário. Envelhecer ainda é um privilégio, e o tema da Parada LGBT deste ano é justamente esse. Nosso Sindicato sempre foi espaço de acolhimento e resistência para populações minorizadas, inclusive à margem do trabalho formal. Tocar nesses temas nunca foi fácil: houve resistência, erros, aprendizados. Ainda assim, temos orgulho da nossa história — como acolher pessoas trans nos anos 90, pessoas vivendo com HIV, criar secretarias para recortes específicos — uma trajetória de compromisso com a inclusão.

A luta LGBT+ não ocorre num vácuo. A ofensiva contra nossos direitos é internacional: nos EUA, Trump cortou verbas para a população LGBT+ e nega identidade de gênero a deputadas brasileiras como Erika Hilton e Duda Salabert. No Reino Unido, figuras como JK Rowling apoiam lobbies transfóbicos, excluindo pessoas trans de leis de proteção. No Brasil, a ultra direita, com apoio institucional, escolheu pessoas trans como inimigas. Jair Bolsonaro deixou um orçamento pífio de R$ 325 mil para políticas LGBTs em 2023, desmontou secretarias e incentivou a violência. Em contraste, o governo Lula destinou mais de R$ 27 milhões e retomou políticas públicas, mas os dados seguem alarmantes, colocando em xeque se o investimento é efetivo de fato.

Segundo o Atlas da Violência 2025 (Ipea), o Brasil continua perigosíssimo para a população LGBTQIA+. Em 10 anos, os casos de violência contra mulheres trans passaram de 291 (2014) para 3.524 (2023) — um aumento de 1.110%. Entre os homens trans, o salto foi de 78 para 1.332 (1.607%). Casos envolvendo travestis passaram de 27 para 659, um crescimento de 2.340%. Ou seja, os avanços institucionais ainda não alcançam a realidade da população mais vulnerável.

A marginalização, além de exclusão, sustenta um mercado que explora esses corpos — especialmente os de mulheres trans — pela prostituição e pornografia. Isso expõe a contradição entre "representatividade" e cidadania concreta. Muitos de nossos direitos não estão garantidos por lei, mas por decisões judiciais — e podem ser revogados. Até o direito ao banheiro está sob ameaça constante.

A sobrevivência não é suficiente. Precisamos de dignidade, segurança e políticas reais. E mais: precisamos reconhecer que, dentro do capitalismo, não há emancipação plena. A única saída é a luta coletiva, unificada e constante.

Calendário Mês de Luta e Orgulho LGBT

>> 19/6 – Feira Cultural da Diversidade LGBT+
Memorial da América Latina.
Horário a ser divulgado.

>> 20 e 21/6 – POC CON Feira LGBTQIA+ de Quadrinhos e Artes Gráficas.
Centro de Eventos São Luís (R. Luís Coelho, 323 – Consolação – S. Paulo/SP. Dia 20/6 – das 15h às 21h. Dia 21/6 – das 13h às 19h.

>> 21/6 – Corrida do Orgulho LGBT+.
Local: estacionamento descoberto do Shopping SP Market (próximo ao Cinemark). Horário das largadas: 8h.

>> 22/6 – PARADA do Orgulho LGBT+ distribuição da Carta Aberta+
Estação Consolação (próximo a SSO)– às 11h30

IA, preconceito e

Computador eletrônico. Fax. Cartões perfurados. Mainframes. Computador pessoal. Internet. E-mail. Softwares. Smartphones. Computação em nuvem. Redes sociais profissionais. Inteligência Artificial. Ferramentas de trabalho remoto. IA generativa. São tecnologias desenvolvidas ao longo dos últimos 80 anos que transformaram radicalmente o mundo do trabalho. Hoje é quase impossível imaginar um dia laboral sem ao menos uma dessas ferramentas. O computador tem a mesma idade da nossa legislação trabalhista — então, por que ainda trabalhamos oito horas por dia?



Com o avanço tecnológico, o trabalho se tornou mais ágil, intenso, exigente — e escasso. Uma escassez artificialmente produzida. A promessa era de que a tecnologia serviria para melhorar nossas vidas, reduzir jornadas e gerar mais empregos. Mas o que observamos é o contrário: precarização, terceirizações e redução da presença humana em serviços essenciais. No transporte público – que é o nosso caso –, por exemplo, vemos trens precariamente automatizados, ausência de concursos públicos e trabalhadores terceirizades sob condições cada vez mais vulneráveis. Tudo em nome de reduzir custos — e aumentar lucros.

O ano de 2024 foi marcado por uma intensificação do uso da IA generativa. Essa tecnologia processa dados disponíveis na internet para criar conteúdos diversos a partir de bancos de dados treinados por códigos autoaprimorados. Esses códigos rodam em GPUs — supercomputadores que demandam alto consumo energético e refrigeração constante. Mas o que tudo isso tem a ver com trabalho e sociedade? Absolutamente tudo.

A IA é construída por seres humanos — portanto, reflete seus preconceitos. Isso dá origem ao chamado preconceito algorítmico, ainda em construção conceitual, mas já amplamente identificado. A depender dos dados alimentados nos sistemas, a IA reproduz padrões sociais excludentes. Se pedirmos uma imagem de uma "mulher bonita", o resultado tende a ser uma mulher branca, cis, magra e sem deficiência. Esses padrões reforçam estereótipos e invisibilizam grande parte da população. Enquanto isso, as pessoas marginalizadas continuam sendo destinadas a trabalhos precarizados, com jornadas exaustivas e sem qualidade de vida.

Em 2023, uma deputada relatou que, ao pedir à IA uma imagem de uma pessoa negra em uma favela, a ferramenta gerou alguém armado. Isso não é uma falha isolada — é o reflexo de um sistema alimentado com dados racistas e sem diversidade. A maior parte das IAs está nas mãos de grandes corporações bilionárias, que controlam seu desenvolvimento e uso. Esses sistemas são caros, exigem grandes estruturas de dados e altos investimentos em energia. Isso reforça a exclusão do acesso coletivo e democrático à tecnologia. O ideal seria uma IA pública, construída com participação social e diversidade. Mas, enquanto isso não acontece, é preciso pressionar para que as empresas incluam representatividade e responsabilidade ética em seus processos.

Outro ponto crítico é o impacto ambiental. As IAs consomem, hoje, energia equivalente a uma cidade pequena. Estima-se um aumento de 20% nesse consumo até 2030. Além disso, os data centers geram lixo eletrônico em grande escala e dependem da extração de minerais raros — muitas vezes

SINDICATO DOS METROVIÁRIOS e METROVIÁRIAS SP

EXPEDIENTE: Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Transportes Metroviários e em Empresas Operadoras de Veículos Leves sobre Trilhos no Estado de SP. ***Sede:*** R. Padre Adelino, 700 – Belém. CEP 03303-000 – São Paulo – SP. ***Fone:*** (11) 2095-3600. ***E-mail:*** sindicato@metroviarios-sp.org.br. ***Presidente:*** Camila Lisboa. ***Secretaria de Diversidade Sexual e Identidade de Gênero:*** Luan Marchesi Leal Amorim (Luna). ***Diretor de Imprensa:*** Alex Fernandes. ***Arte:*** Maria Figaro, MTb 25.888-SP. ***Tiragem:*** Mil exemplares. ***www.metroviarios.org.br***

trabalho morto



Imagem: montagem/Freepik

de forma insustentável e poluente. Isso nos obriga a pensar: queremos abandonar a tecnologia? Não. Mas precisamos adotar um uso consciente, com responsabilidade ecológica e investimento em energias renováveis. É mais fácil adaptar as estruturas agora, enquanto elas ainda estão sendo implantadas, do que tentar remediar o impacto mais adiante.

Em 2025, redes sociais foram tomadas por imagens geradas por IA com estética do Studio Ghibli e outras referências visuais. A questão é que essas imagens são feitas a partir de conteúdos postados por artistas independentes na internet, muitas vezes por necessidade de visibilidade. Esses materiais são coletados pelas plataformas e usados para treinar inteligências artificiais sem autorização, crédito ou remuneração aos autores. Isso configura roubo de trabalho intelectual e precariza ainda mais o ofício artístico — já marginalizado historicamente.

A arte é trabalho. Se artistas fossem contratados para alimentar os bancos de dados, recebessem porcentagens dos lucros ou ao menos fossem consultados, poderíamos discutir o uso ético da IA como ferramenta de emancipação. Mas o que ocorre hoje é o oposto: exploração, invisibilidade e alienação. O trabalho artístico vira mais uma forma de trabalho morto, extraído sem retorno. Enquanto plataformas como o ChatGPT lucram bilhões com assinaturas, artistas seguem sem nenhum reconhecimento.

Esse debate leva a uma questão filosófica: se a IA reorganiza dados já existentes, até que ponto sua criação é original? E mais — até que ponto o que nós mesmos produzimos é novo, ou apenas repetição do que já existe? A tecnologia está nos levando a um ciclo de retroalimentação do mesmo sistema? Será que estamos perdendo a capacidade de imaginar novos horizontes e apenas recriando os moldes impostos pelo capitalismo?

Essas perguntas não têm resposta simples, mas devem ser feitas. Ignorar os impactos políticos, ambientais e sociais das tecnologias é perpetuar desigualdades. É preciso consciência, não medo. Não se trata de demonizar a tecnologia, mas de direcioná-la em benefício da classe trabalhadora — e não contra ela.

O uso de tecnologias que roubam arte, poluem o meio ambiente e reproduzem preconceitos precisa ser radicalmente repensado. A crítica não é conservadora, é necessária. O avanço tecnológico deve servir para libertar, não para oprimir. Se não reivindicarmos isso agora, quando formos considerados totalmente descartáveis, o que vai nos restar?

“A cura gay”

Transformar populações marginalizadas em patologias clínicas, medicadas e diagnosticadas é uma estratégia tão antiga quanto as próprias marginalizações. Samuel George Morton foi responsável por iniciar uma teoria de que pessoas negras teriam cérebro menor, por isso seriam subdesenvolvidos enquanto raça. Mulheres eram classificadas como “histéricas”, uma espécie de transtorno específico para mulheres, teoria criada para as drogar e subalternizar

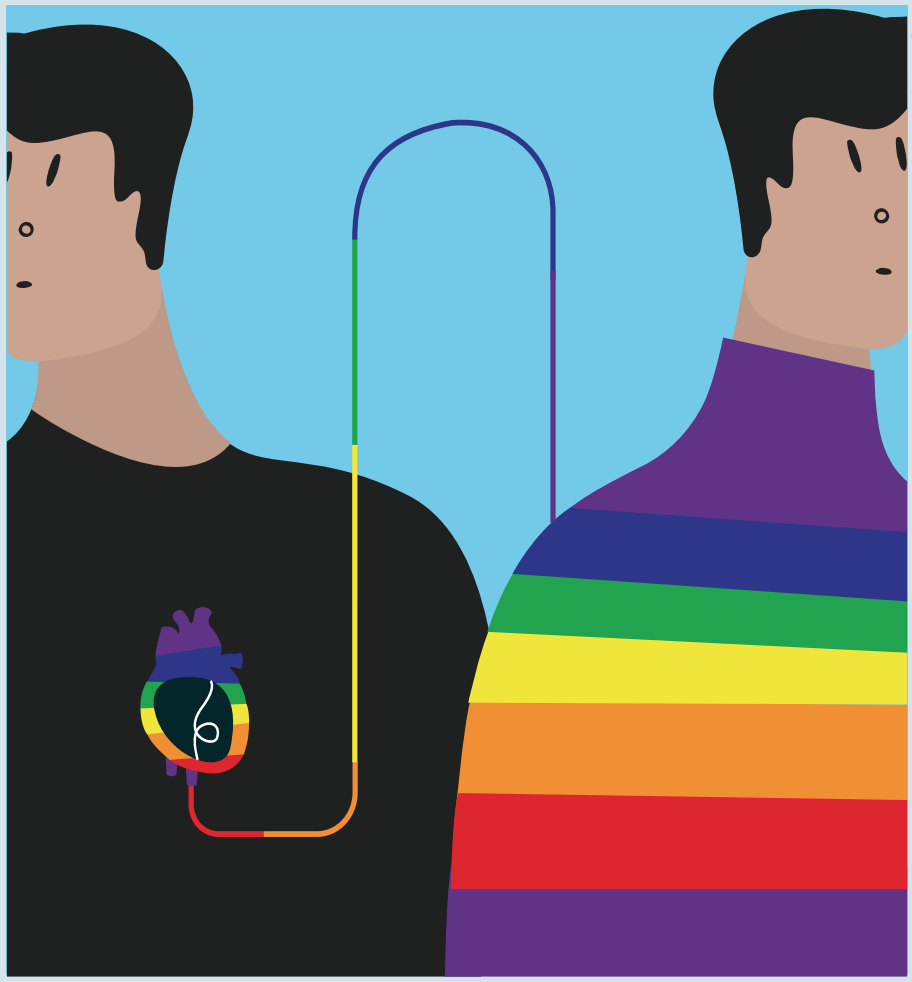


Imagem: Freepik

Nos anos 90, o HIV foi o estigma que preconceituosos precisavam para justificar uma marginalização que já acontecia. Não é por acaso que, hoje, esse esteriótipo ainda se mantenha e o vírus tenha essa carga tão pejorativa no imaginário coletivo. Acompanhada de uma ideologia disseminada por conservadores, chegamos ao ponto de que hoje são oferecidos retiros espirituais de conversão e terapias alternativas de “cura” para pessoas LGBTQIAPN+.

Esses espaços são de violência e ameça psicológica. Utilizam-se da fé para tornar aquela identidade um crime capital. Usam laços afetivos e seus possíveis rompimentos como arma. Forçam poder aquisitivo como instrumento de marginalização. Veja, se a uma pessoa é prometido que, se ela viver sua identidade, ela será cortada de todos os espaços que conhece de vivência, vai viver à margem sem emprego e condições de sustento, se vai sair na rua e apanhar, qual o poder de escolha que essa pessoa tem? A doença é produzida também nesses discursos, não é de se espantar que tantas pessoas minorizadas escolham pelo suicídio.

Estamos aqui para desmentir isso quantas vezes forem necessárias: ser uma pessoa dissidente (de qualquer maneira) NÃO é uma doença. ***A vida não acaba quando você se desprende dessas amarras, ela começa!***

ECLAT – Novo Espaço no Sindicato

A nossa luta é coletiva, vejam as ocupações artísticas que cabem em nós:

Fotos: arquivo/Sindicato





